



**MIKE DAVIS EM PLANETA FAVELA:
UM DIÁLOGO COM AS NARRATIVAS DE MARCOS ALVITO E CHRISTINA
VITAL SOBRE A RELIGIOSIDADE E CONSTITUIÇÃO ESPACIAL NAS
FAVELAS DE KINSHASA E ACARI**

Cristina da Conceição Silva¹
Idemburgo Pereira Frazão Félix²
Jurema Rosa Lopes³

Resumo: O presente artigo busca apresentar aspectos que tratam da favela na visão de Mike Davis, com base no livro *Planeta Favela*, onde o autor descreve sobre o desenho das mesmas em meio às paisagens urbanas nas grandes cidades. Trataremos também acerca da visão do autor o discurso sobre o crescimento da população pobre nas megacidades, que segundo o mesmo culmina em moradias irregulares. Seguindo os escritos do autor, abordaremos a respeito da influência religiosa em uma favela do Congo, onde seus habitantes adotam práticas religiosas pentecostais a partir de lideranças religiosas. E assim, procuraram adquirir através da fé a prosperidade e tornar mínimos os problemas econômicos e sociais, pelos quais esse grupo estava inserido. Ademais, traremos à tona as pesquisas narrativas de Marcos Alvito e Christina Vital Cunha sobre a favela de Acari e seus complexos. De forma a evidenciar a formação dos espaços geográficos em pauta, a migração de grupos para o sítio, em busca de acesso ao núcleo da cidade do Rio de Janeiro, bem como a relação religiosa de moradores e traficantes com a fé católica, protestante e de matrizes africanas.

Palavras chave- Favela. Acari. Religiosidade

282

INTRODUÇÃO

Este artigo vem de encontro com a leitura de três literaturas históricas que buscam identificar aspectos nas favelas no que se refere aos feitos geográficos, culturas e religiosidade. Assim sendo, contamos com os autores Mike Davis, em seu livro *Planeta Favela* (2006), Marcos Alvito, em seu livro *As Cores de Acari: uma favela carioca* (2001) e Christina Vital Cunha, em seu artigo “Traficantes evangélicos” e intolerância religiosa nas favelas hoje: o caso de Acari, Rio de Janeiro.(2011).

A priori buscaremos através dos escritos de Davis (2006) evidenciar seu olhar acerca das favelas nos países de Terceiro Mundo e da América Latina, como espaço que

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da Universidade do Grande Rio.

² Professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da Universidade do Grande Rio.

³ Professora Adjunta do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da Universidade do Grande Rio.



surge nas megacidades. Ambientes estes que segundo o autor, surgem a partir do deslocamento do homem e sua busca por novas atividades de trabalho que garantam o essencial para sua sobrevivência. Outrossim, este artigo procura alinhar questões relacionadas as formações das favelas descritas por Mike Davis, com as literaturas que versam sobre o desenvolvimento da favela de Acari e seus complexos. Além disso, demonstraremos a relação de uma favela do Congo (Kinshasa), a conversão de sua população ao protestantismo, com aspectos descritos nas literaturas de Marcos Alvito e Christina Vital, que também tratam da conversão religiosa dos moradores da favela de Acari e seus complexos.

Neste sentido compreendemos que ao falarmos das favelas e dos aspectos que envolvem o cotidiano dos que nelas habitam, estamos trazendo à tona questões pouco evidenciadas que ocorrem nestas geografias, além de tratarmos sobre a formação das mesmas e suas especificidades históricas.

A FAVELIZAÇÃO E AS CIDADES POR DAVIS MIKE

283

Davis (2006) ao descrever a favela, menciona as adjacências de inúmeras megacidades, as estruturas conturbadas nas metrópoles, suas grandes concentrações demográficas e a diversidade de objetos geográficos intermediados pelos fluxos sociais. Desenho social e arquitetônico este, que brotam nas paisagens urbanas, ou seja, modelos híbridos do uso da terra como espaço de moradia. O autor observa que em toda geografia subdesenvolvida ou emergente, as favelas se alastram, e que nas megacidades dos países menos desenvolvidos este modelo social se manifesta e se estabelece de forma sistemática.

Declara o autor que nos anos 1970 o crescimento das favelas no hemisfério sul, suplantou a urbanização no mundo frente aos modelos ditos normais, e que no século XXI as cidades com grandes construções e dotadas de iluminações, apresentam este modelo de moradia como parte do cenário das *Urbes*. Davis (2006) mesmo tendo conhecimento que cortiços, ruelas e becos diferem das favelas propriamente ditas, trata o assunto conglomerando todo tipo de residência subnormal ou pobre como *slum*, ou seja, lugar sujo.



Todavia, ressaltamos que no Brasil, este modelo de moradia não deriva do *slum* citado por Davis (2006), e sim de uma planta com favos que existia no território de Canudos, que deu nome ao modelo de moradia. Tal modelo se deu na cidade do Rio de Janeiro, com a chegada dos soldados participantes do advento histórico, Guerra dos Canudos que ao chegarem à geografia carioca, se instalaram no morro da Providência no século XIX. Carvalho (2015) p.02 ainda aponta que.

A origem do termo surgiu após a Guerra de Canudos, onde ficava o Morro da Favela original, graças a uma planta conhecida como faveleira, farta no local. Alguns dos soldados, ao regressarem vitoriosos ao Rio em 1897, não receberam o prometido soldo e foram invadindo uma antiga chácara, com o apoio de um oficial, no Morro da Providência, que ganhou então o "apelido" referente a Canudos.

O nome tornou-se conhecido e, a partir da década de 1920, os morros cobertos por barracos e casebres passaram a ser apelidados de favelas, especificamente nas geografias cariocas.

Dando continuidade ao raciocínio de Davis (2006), o mesmo observa que existem favelas formais no cerne metropolitano, como os cortiços, casarões antigos, autoconstrução, pensões etc., além de favelas informais, como incursões e regiões de moradores de rua, todas aglomeradas, em sua maioria, no núcleo central ou em suas adjacências. No que se refere às favelas fixadas na periferia, o autor relata que podem ser aluguéis particulares, concebidas como formais e loteamentos clandestinos, campo de refugiados e invasões, porém que são classificadas como informais.

Segundo o autor o Brasil é o terceiro país com o maior número de população urbana favelada e que o mesmo só está atrás da China e da Índia. Todavia, o Brasil e a Venezuela apresentam este modelo de moradia em locais de risco como encosta, leito de drenagem, pântanos entre outros sítios não apropriados para moradia. Davis (2006) aponta que este deslocamento do homem do campo para favela tem trazido inúmeros impactos sociais, econômicos entre outros aos países latino-americanos e também para os asiáticos, especialmente no que se refere ao universo do trabalho, uma vez que cada dia cresce as atividades informais. Escreve Davis (2006, p.180),

A dicotomia simples da economia dos países menos desenvolvidos entre setor formal e setor informal é claramente inadequada. O setor informal pode ser dividido em pelo menos subsetores; um intermediário, que surge como reservatório



de empreendedores dinâmicos, e a comunidade de pobres, que contém grande corpo de mão-de-obra residual e subempregada.

No que tange a informalidade o autor ainda declara que a mesma afiança a sobrevivência dos pobres urbanos, e compara estes trabalhadores como os favelados, uma vez que também são invisibilidades da economia formal dos países de Terceiro Mundo.

Ao descrever a miséria e as ausências sofridas pela população favelada, o autor delinea a situação da favela Kinshasa (Congo), cujos grupos se voltam para fé e as credices que se proliferam nas implantações de núcleos evangélicos pentecostais. Tais modelos eram fundados por leigos e ex-seminaristas, que se baseavam na cura pela fé e na prosperidade, estes ampliaram franquias por toda geografia, e apresentam o modelo norte-americano em sua configuração religiosa. Observa Davis (2006) que neste contexto surgiram também igrejas lideradas por “mulheres que usavam o transe, sonhos proféticos e línguas celestiais para terem acesso ao espírito santo e aos ancestrais tribais na antevisão de um mundo que viria eliminar a pobreza” Davis (2006, p.194). O revivamento pentecostal espiritual na favela de Kinshasa obedeceu a uma renovação espiritual para a maioria da comunidade, cuja política para eles tornou-se completamente desacreditada.

285

Neste contexto descrito por Davis (2006) acerca do crescimento das favelas nas Urbes, e do deslocamento do homem rural e interiorano para as megacidades, é que se prolifera as atividades informais, moradias informais e a fé como salvadora dos males da saúde e de problemas financeiro. E nessa conjuntura é que boa parte dos moradores das favelas das grandes cidades do território brasileiro, também se enquadram como perfil socioeconômico e cultural ao qual o autor exhibe em seus escritos no livro Planeta Favela.

ACARI UMA FAVELA DA CIDADE CARIOCA

Alvito (2001) expõe que a favela de Acari, fica situada aproximadamente a 20 km do centro do Rio de Janeiro, e que está localizada entre a Avenida Brasil, principal artéria rodoviária da cidade, e a Avenida Martin Luter King que corta vários bairros da



Zona Norte e segue até a Baixada Fluminense. Do lado contrário à favela, fica o CEASA (Centrais Estaduais de Abastecimento) um dos principais mercados atacadistas de hortifrutigranjeiro da cidade carioca, cruzando a Avenida Brasil encontrasse um grande conjunto residencial denominado Fazenda Botafogo, mesmo nome do complexo industrial existente no local. Identifica o autor que a favela de Acari tem em seu entorno várias indústrias e residências, e que o comércio no entorno é fraco, e por conta disso as pessoas seguem para Madureira, Pavuna e São João de Meriti para compras mais elaboradas. O fato da favela estar localizada no cruzamento de eixos rodoviários, e vastamente bem servida de transporte público para o centro da cidade, Niterói, vários bairros da Zona Norte e para Baixada Fluminense, promove acesso a outros espaços fora da territorialidade de Acari. Vale ainda ressaltar que com a chegada do metrô o acesso a Zona Sul também atende estes moradores e minimizou o tempo de chegada a esta geografia da cidade carioca. Escreve Alvito (2001, p.22) que:

A favela de Acari é uma área plana, no vale do Rio Acari, e não um “morro”, palavra que ainda hoje é quase sinônimo de favela. Vista de cima, toda essa área parece indistinta, nenhum acidente natural parece estabelecer subdivisões.

286

Sendo a favela de Acari edificada em área plana, não conta com acidentes naturais, todavia as áreas livres para construções residenciais são raras nesta geografia. A favela de Acari resalta o autor, é o que podemos chamar de complexo, pois em seu entorno existe as sub-favelas. Então nesta organização espacial o Parque Acari é a zona Sul da favela, ou seja, as construções são melhores e as ruas apresentam traçados definidos. Estes residentes são os mais antigos, vieram do antigo Estado do Rio de Janeiro, do Nordeste e de Minas Gerais no ano de 1940 aproximadamente, para trabalhar no setor industrial da Fazenda Botafogo. Neste espaço da favela as ruas contam com saneamento básico, iluminação, academia de ginástica, armarinho, açougue e igrejas de várias denominações, este ambiente se mistura com o comércio de drogas a céu aberto, a vista de todos que circulam pelas ruas. O Coroadó (Vila Rica) complexo de Acari tem este codinome por conta de três bandidos que eram conhecidos como irmãos coragem, logo a alcunha faz referência à novela intitulada Irmãos Coragem, que tinha em seu enredo um local de nome Coroadó. Nesta geografia resalta o autor as



casas também são de alvenaria, porém mal-acabadas, e as ruas são sinuosas e com certa inclinação, diferente do Parque Acari que foi todo loteado, ao contrário do Coroado que teve ocupações irregulares.

Seguindo o Coroado encontrasse o Conjunto Amarelinho, que foi erguido pelo antigo Instituto de Aposentados de Previdência dos Industriários, este foi construído para minimizar o crescimento das favelas no ano de 1949, um ano após a inauguração da Avenida Brasil, seu nome inicial era Conjunto Habitacional Areal, nome de uma antiga fazenda das cercanias. Os moradores destes prédios foram alocados pela então prefeitura do Distrito Federal, e foram famílias removidas do Morro da Chacrinha (Copacabana), Praia do Pinto (Gávea), Esqueleto (Maracanã) e Catacumba (Lagoa). No governo de Leonel Brizola, na década de 80, os prédios sofreram uma reforma na pintura de cor amarela, daí veio o nome Amarelinho. A Vila Esperança que faz fronteira com o conjunto IAPC, construído pelo Instituto de Aposentados e Previdência Comerciais, conta com ruas estreitas apresenta um grande contraste com o traçado da rua principal que passa paralela à favela. Alvito (2001).

287

Segundo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) o instituto de Desenvolvimento Humano Municipal do Rio de Janeiro, que utiliza os indicadores Longevidade, Educação e Renda, declara que Acari encontrasse na posição 124 ficando apenas a frente de Costa Barros e Complexo do Alemão. É a região que responde pelos mais baixos índices de desenvolvimento humano do Rio de Janeiro segundo dados do Relatório de Desenvolvimento Humano. Comparável à África subsaariana em alguns aspectos, Acari é paradigmática no que se refere às carências de serviços e efeitos da desigualdade interna e em relação ao conjunto da cidade.

O mercado de trabalho para os jovens e adultos sem formação acontecem no complexo e no entorno, e são voltados para o comércio informal como: carregadores no CEASA, no tráfico, obras na própria favela, ambulantes, botequins e armazéns do local.

É possível observar que assim como Davis (2006) aborda o deslocamento de grupos de outros espaços, para as megacidades, Alvito (2001) também descreve a condução das pessoas para a cidade do Rio de Janeiro atraídas pela oferta de trabalho e pelo acesso ao cerne da cidade carioca, porém que nem sempre essas pessoas alcançam seus objetivos.



A FÉ DOS MORADORES E TRAFICANTES PELOS SANTOS CATÓLICOS E DE MATRIZES AFRICANA

Alvito (2001) relata que era comum, no período de sua pesquisa, se veem jovens vendendo drogas como se fosse uma feira, gritando assim sobre a mercadoria: “branco e preto”, ou seja, cocaína e maconha, ao mesmo tempo anunciavam o preço. Em meio aos ambulantes era possível observar jovens armados, no círculo do comércio como em pontos estratégicos da favela de Acari. Na favela de Acari como em seus complexos, os compradores nem sempre adquiriam as drogas com dinheiro, mas com eletrodomésticos, relógios e joias.

Nas ruas da favela de Acari e seus complexos, entre as décadas de 1990 e 2000 eram comuns observar as pinturas de cunho religioso, relata Alvito (2001) que na Rua Assis, tinha uma pintura enorme de Nossa Senhora Aparecida, e nela a inscrição “ Salve minha mãe” seguido da oração da santa. Em outra rua transversal se via uma enorme pintura de São Jorge, e outras várias pinturas do santo guerreiro em outras ruas, além da oração do santo, que para os traficantes era poderosa para o fechamento do corpo. Escreve Alvito (2001, p.26),

[...] eu andarei vestido e armado com as armas de São Jorge/Para que meus inimigos tendo pés mão me alcance/Tendo braços não me peguem/Tendo olhos não me encontrem/e nem pensamentos eles possam ter para me fazer mal/Armas de fogo o meu corpo não alcançaram/facas e lanças se quebraram sem o meu corpo chegar[...]

E assim declara o autor que outras orações como para Virgem de Nazaré, Cristo, pai nosso e Ave Maria eram expostas nos murros do complexo de Acari, e que ao caminhar pelas ruas da favela ele encontrou em um antigo ponto de drogas uma oração para as almas, escritas no murro da casa que servia aos traficantes em outros tempos. E que na Associação de moradores da União do Parque Acari as homenagens a São Jorge e São Cosme e São Damião eram visíveis na decoração da mesma.

Em meio às homenagens aos santos católicos e de matrizes africanas, em uma rua próxima de nome Rua Edgar Botelho encontrava-se uma edificação da Igreja Universal do Reino de Deus. Afirma Alvito (2001) p.29 que; “Aqui, ao contrário do que



ocorre na maioria dos templos, onde só há cultos em alguns dias da semana, há cultos diários” e nesta mesma rua existia um templo da Assembleia de Deus, além de na Rua Guaibater existir um templo católico e um assembleiano.

Nos anos 80 o traficante Tonicão, edificou uma imagem da escrava Anastácia em tamanho real, além de pintura de São Jorge e São Cosme e São Damião na favela do Coroado, e neste espaço no futuro não mais existia as pinturas e imagens, mas sim escritos bíblicos a exemplo de:

“Bem aventuradosos misericordiosos “o inicio do salmo 121” ” O meu socorro vem do senhor”; e por fim em destaque o salmo 91, que pode ser considerado um verdadeiro ‘fechamento de corpo’; Aquele que habita no esconderijo do Altíssimo `a sombra do onipotente descansará. (ALVITO,2001,P.32).

Em meio aos escritos bíblicos funcionava uma boca-de-fumo, que fazia fila de pessoas para comprarem drogas, ainda nestas imediações um campo de areia funcionava como espaço de lazer dos traficantes e encontros de pregações evangélicas e nas imediações também contava com um centro de Umbanda. O autor ainda relata que no fundo da quadra de areia, em um grande murro existia uma pintura enorme de São Jorge que contava com escritos que diziam: “Ogum guerreiro, nascimento 23 de abril: Ano 303, defensor dos pobres e oprimidos lutou e venceu por amor ao senhor. Este é nosso santo protetor. Amém”. Alvito (2001) p.37.

Neste contexto é possível perceber que em meio ao comércio de drogas, traficantes e moradores de Acari e seus complexos, se dividiam entre a fé católica, protestante e de matriz africana. Tal apontamento é possível perceber, tendo em vista as manifestações pela fé apresentadas em escritos, desenhos, imagens e cultos em espaços destinados ao lazer do tráfico, cedidos para manifestações religiosas protestantes.

TRAFICANTES CONVERTIDOS AO PROTESTANTISMO EM ACARI

Nas décadas de 1980 e 1990 como vimos anteriormente à favela de Acari exibia sua fé nos santos católicos e de matrizes africanas, um importante traficante da favela o Cy de Acari, tinha tatuagens em seu corpo de São Jorge e São Cosme e São Damião,



sua casa também contava com decorações que mostravam sua fé nos santos protetores. Vital (2011).

Nos anos 1970 identifica a autora que era comum encontrar elementos do tráfico com alcunhas que associavam a entidades das religiões de matrizes africanas, ou elementos místicos, é o caso do traficante Toninho Boiadeiro da favela de Acari, que tinha com seus fies escudeiros Zeca Lobisomem; Zé Aruanda; Toninho Índio, reza a lenda que Toninho Boiadeiro não era pego pela polícia por ser transformar em tronco ou bode.

Segundo Vital (2011) os moradores de Acari relatam que nos de 1997 e 2000 a umbanda e o candomblé eram evidentes na vida social, econômica, política e religiosa na favela, e neste período existiam 05 casas de santos das matrizes de Candomblé e Umbanda e as mesmas eram frequentadas por traficantes. No ano 2000 existia somente um terreiro contra 45 templos evangélicos. Declara a autora que uma mãe de santo local reclama da hipocrisia de alguns filhos de santo dela do passado, que ao passarem por ela abaixam a cabeça, e que os traficantes que antes precisavam dela, viraram as costas para ela, além de se sentir indignada com a fala dos pastores contra a sua pessoa.

290

Indignava-a com a “hipocrisia”, palavras dela, de alguns evangélicos (inclusive pastores) que faziam questão de publicamente afirmarem essa identidade religiosa e de se oporem de forma veemente a ela e a sua religião, mas que, “por trás, fazem macumbas pelos becos da favela”. (VITAL,2011, P.10).

Vital (2011) identifica que a conexão de forças interna (no campo político e religioso) esta mãe de santo e a religião a qual se filia estavam delicadas: ela já não era distinguida como liderança a integrar fóruns, comissões e assembleias locais.

[...] Acari, no contexto anterior das décadas de 1980/1990, seus símbolos religiosos eram tatuados nos corpos dos traficantes, estavam pintados nos muros da favela, seus dias de festa e culto ocupavam papel de destaque no calendário social da localidade. Eles estavam muito presentes no espaço público em razão da aliança, da filiação, da expressão de fé dos traficantes de então na direção dessas religiões. Com o redirecionamento nessa manifestação de fé e de aliança para os evangélicos, foram estes que saíram fortalecidos no campo religioso, social e político. (VITAL,2011, P.10)

Segundo autora não se pode afirmar que o desligamento dos moradores das casas de santo, está relacionado o afastamento do tráfico destes espaços, pois outras



favelas do Rio de Janeiro comungaram do mesmo esvaziamento como: “ Morro do Dendê, Ilha do Governador (RJ), Santa Marta, Botafogo (RJ), etc.) Um complexo quadro supralocal e não somente ligado ao campo religioso colaborou para este reposicionamento de forças. ” Vital (2011) P.11.

Vital (2011) descreve que o traficante Jorge Luís em 1990 solicitava a pregação dos evangélicos, quando a favela se encontrava em estado de vulnerabilidade e que no final dos anos 90 e início de 2000, sobre a gestão do traficante Jeremias, o empoderamento da igreja evangélica se efetivou na Favela de Acari. A partir de sua gestão os santuários foram demolidos, e os espaços dos desenhos dos santos receberam escritos bíblicos e signos do tráfico local. Após o comando do traficante Jeremias, os traficantes passaram propagar sua fé não só nos escritos dos murros, mas também em orações proferidas em seus rádios sincronizados no complexo, ou da mesma facção em outros locais. E nessas orações aponta Vital (2011) que os traficantes descreviam direções de vida de alguns dos traficantes da localidade narradas pelos moradores, que eles organizam sínteses pessoais, experimentações religiosas novas através das quais pedem a Deus proteção para a “sua comunidade” e para os seus “parceiros. De tal forma as orações eram uma súplica de proteção e bênção e um reforço na orientação de comportamento para os “manos” locais.

A autora descreve sua conversa com um ex-traficante de alcunha Cacau que diz ter de ser convertido a Igreja Universal do Reino de Deus, e gosta de estar presente nos cultos, e que sua entrega religiosa teve início na prisão. O ex-traficante declara que sua motivação em frequentar templo, é o tratamento que ele recebe dos pastores e obreiros da igreja, além de gostar das inúmeras correntes de libertação e das disponibilidades que o pessoal da igreja tem em ouvi-lo e conforta-lo. Ele afirmou em entrevista a autora ser dizimista e que contribuía com R\$ 1600,00 a R\$ 2400,00 reais, valor que segundo Vital (2011) dependia da arrecadação do tráfico local, todavia o ex-traficante relatou que ainda não tinha se batizado por não ser casado com sua companheira, fato que impede o batismo do casal na igreja em pauta. Vital (2011).

Segundo a autora a partir da conversa com Jeremias, e com o concomitante ajuntamento entre traficantes locais e evangélicos, foram observadas modificações na



diligente criminalidade local, assim como na intercessão religiosa, política e social preferencialmente exercida por lideranças e fiéis vinculados a igrejas evangélicas locais.

Podemos observar nas duas últimas seções deste artigo, que tiveram amparo nos escritos de Alvito (2001) e Vital (2011), a entrada e conseqüentemente a influência religiosa a partir das denominações pentecostais na favela de Acari e seus complexos. Neste contexto, é possível notar a relação da conversão religiosa, que também ocorreu na favela do Congo citada por Davis (2006), cujo em ambos os espaços dão novo sentido a fé dos moradores das favelas mencionadas neste artigo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que a formação das favelas vem de encontro com a busca de determinados grupos sociais, em procurar proximidades com meio de sobrevivência, ou seja, trabalho. É fato que tais constituições geográficas em sua maioria, se dão nas cercanias das grandes metrópoles, uma vez que as concentrações de capital econômico se estabelecem nestes territórios em boa parte dos continentes. Assim sendo, vários aspectos culturais, sociais e econômicos vão surgir nestas geografias a partir da configuração dos grupos que atuam como lideranças nestas favelas. Logo, cada favela vai apresentar sua identidade como também modificam as suas identidades originais. Caso que podemos evidenciar neste artigo, na favela de Kinshasa (Congo), que a princípio tinha características voltadas para uma economia pautada em jogos, pirâmides etc... E que com o tempo passa para um modelo econômico pautado no campesinato familiar, além de passar agrega valores religiosos pentecostais em suas vidas, na esperança de prosperarem economicamente. No que se refere Acari sua formação vem de encontro com a oferta de trabalho no complexo industrial da Fazenda Botafogo, e o advento da construção da Avenida Brasil, que possibilitou acesso ao centro da cidade de forma mais rápida e confortável. Ademais, a religiosidade de Acari e seus complexos, sofrem influências das lideranças dos traficantes que em algumas décadas veem adotando um novo modelo de fé na busca de proteção divina para suas práticas ilícitas.

Assim sendo, visamos através deste artigo evidenciar o quanto lideranças com discursos da paz e da prosperidade, envolvem os moradores da favela de Acari e seus



complexos em práticas religiosas as quais os mesmos passam adotarem como única fé. E neste contexto, eles promovem um modelo de intolerância, possivelmente de forma forçosa nos sítios os quais eles dominam com suas práticas marginais.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

- ALVITO, Marcos. **As cores de Acari: uma favela carioca**. Rio de Janeiro: FGV-2006
- DAVIS, Mike. **Planeta Favela**. São paulo: boitempo editorial, 2006
- VITAL, da Cunha, Christina. **Traficantes evangélicos” e intolerância religiosa nas favelas hoje: o caso de Acari, Rio de Janeiro..XI Conlab.2011**
- CARVALHO, Janaína- disponível <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/rio-450-anos/noticia/2015/01/conheca-historia-da-1-favela-do-rio-criada-ha-quase-120-anos.html> acesso em. 14/05/2016 . Acesso 20/05/2016
- IPEADisponívelhttp://www.academia.edu/9011457/O_Indice_do_Developmento_Humano_IDH_na_Cidade_do_Rio_de_Janeiro. Acesso 20/05/2016